

## Domingo XXXII do Tempo Comum-Ano C – 09 novembro 2025

### Dedicação da Basílica de S. João de Latrão



#### Viver a Palavra

Celebrar a Festa da Dedicação da Basílica de S. João de Latrão é celebrar a universalidade da Igreja na comunhão com o Bispo de Roma. O Evangelho deste Domingo desafia-nos a uma nova relação com o tempo e o espaço para a comunhão e intimidade com Deus. Jesus é o Novo Templo, revelado entre as nações, como lugar de comunhão com o Pai.

Mas, quem é este Jesus de que nos fala o Evangelho? Onde está o Jesus manso e humilde, doce e compassivo a que nos habituamos? Tendo subido a Jerusalém, na proximidade da Páscoa judaica, Jesus entrou no templo e indignou-se com tudo aquilo que viu: «os vendedores de bois, de ovelhas e de pombas e os cambistas sentados às bancas».

Acredito que algumas pessoas, se tivessem oportunidade, retirariam esta passagem dos Evangelhos. Nela encontramos um Jesus frontal, bem diferente do Jesus que proclamou sobre o monte «*Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra*» ou se dirigia aos mais pequenos, dizendo «*Deixai vir a mim as crianças e não as impeçais de vir ter comigo, pois delas é o Reino do Céu*». Porventura, outros aproveitam esta passagem para justificar os seus atos mais violentos. Contudo, qualquer uma das atitudes será sempre abusiva e desproporcionada.

O mercado de ovelhas e bois, bem como os cambistas facilitava a vida daqueles que vinham ao Templo apresentar as suas ofertas. Não era prático, sobretudo para os que vinham de mais longe, trazer as ovelhas, as pombas, os cordeiros ou os bois que desejavam oferecer a Deus. Um outro problema era a questão da moeda: as pessoas traziam consigo as suas moedas locais e no templo a moeda que se usava era o siglo. Deste modo, a presença dos cambistas facilitava a vida daqueles que desejavam deixar a sua oferta no templo.

Em primeiro lugar, importa pensar que quer na nossa vida pessoal, quer na vida comunitária devemos ter cuidado com a absolutização do critério do mais prático. Se absolutizamos o pragmatismo, pode haver muitas coisas importantes que se perdem e outras que se pervertem. A vida cristã implica abraçar o caminho exigente da relação íntima e pessoal com o Deus revelado em Jesus Cristo. Evidentemente que não estou a afirmar a necessidade de optar sempre pelo caminho mais difícil ou por aquilo que é mais exigente por capricho ou masoquismo, pois, em diversas circunstâncias da nossa história, a vida é já suficientemente difícil e exigente pelas dificuldades e sofrimentos do caminho.

Jesus é frontal, mas não é violento. Jesus toma um chicote de cordas, mas não bate em ninguém nem em nenhum animal. Deitou por terra o dinheiro dos cambistas e derrubou as mesas, mas não feriu ninguém. Jesus assumiu, neste acontecimento, um gesto profético na linha do profetismo de Israel. Um gesto profético é uma ação simbólica que transmite uma mensagem clara que atinge o coração de cada homem e cada mulher.

Esta frontalidade de Jesus, num gesto profético tão radical e ousado, convida-nos a viver também esta frontalidade na nossa vida: frontais connosco mesmos na luta contra o pecado; frontais com situações à nossa volta que estão erradas e não devemos pactuar; frontais com aqueles que se cruzam connosco, abraçando com ternura a dureza das relações humanas. Seguir Jesus, implica seguir a radicalidade e a verdade que o Evangelho reclama das nossas vidas.

«*Não façais da casa de meu Pai casa de comércio!*». Como é urgente e necessário fazer ecoar estas palavras de Jesus. Quantas vezes a nossa relação com Deus e os irmãos se faz na lógica comercial dos ganhos

a obter e dos bens a alcançar. A relação com Deus e os outros será tanto mais verdadeira quanto mais se contruir na lógica da gratuidade que rasga novos horizontes de esperança e transforma o coração de cada homem e de cada mulher num lugar de bondade, ternura e misericórdia. *in Voz Portucalense*.

+++++

De 2 a 9 de novembro decorre em Portugal a Semana dos Seminários com o tema «**Precisamos de ti**». A Comissão Episcopal Vocações e Ministérios já disponibilizou *online* os vários subsídios de apoio para esta semana (<http://www.ecclesia.pt/cevm/>): cartaz, nota pastoral, uma pagela com a oração, catequeses, preces para a liturgia e uma vigília de oração. Cada comunidade paroquial é chamada a dinamizar de diferentes formas e nos mais diversos momentos comunitários esta importante dimensão da ação pastoral da Igreja, sublinhando-se as atividades de dinamização vocacional junto dos jovens e os momentos de oração comunitários pelos seminários. **Ver no final a oração enviada aos cristãos de Portugal para ser presente durante esta semana.**

+++++

**Estamos quase a concluir** o Ano Litúrgico – Ano C – onde somos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 -, acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

**Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas.** Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

## LEITURA I – Ezequiel 47,1-2.8-9.12

Naqueles dias,

o Anjo reconduziu-me à entrada do templo.

Depois do limiar da porta saía água em direcção ao Oriente,

pois a fachada do templo estava voltada para o Oriente.

As águas corriam da parte inferior,

do lado direito do templo, ao sul do altar.

O Anjo fez-me sair pela porta setentrional

e contornar o templo por fora,

até à porta exterior que está voltada para o Oriente.

As águas corriam do lado direito.

O Anjo disse-me:

«Esta água corre para a região oriental,

desce para Arabá e entra no mar,

para que as suas águas se tornem salubres.

Todo o ser vivo que se move na água onde chegar esta torrente

terá novo alento

e o peixe será mais abundante.

Porque aonde esta água chegar,

tornar-se-ão sãs as outras águas

e haverá vida por toda a parte aonde chegar esta torrente.

À beira da torrente, nas duas margens,

crescerá toda a espécie de árvores de fruto;

a sua folhagem não murchará, nem acabarão os seus frutos.

Todos os meses darão frutos novos,

porque as águas vêm do santuário.

Os frutos servirão de alimento e as folhas de remédio».

## CONTEXTO

Ezequiel integrava o grupo de jerusalimitanos que o rei babilónio Nabucodonosor, depois de derrotar Joaquin, rei de Judá, e de conquistar pela primeira vez Jerusalém, em 597 a.C., deportou para a Babilónia. Foi aí, entre os seus concidadãos exilados, que Ezequiel exerceu a sua missão profética.

A *primeira fase do ministério de Ezequiel* decorre entre 593 a.C. (altura em que sentiu o chamamento de Deus) e 586 a.C. (data em que Jerusalém é novamente conquistada pelas tropas de Nabucodonosor e uma nova leva de exilados é encaminhada para a Babilónia). Nesta fase, muitos dos exilados acreditavam que o cativo

terminaria dentro de pouco tempo e que iriam ser autorizados a retornar a Jerusalém. Ezequiel, por mandato de Deus, procura destruir essas falsas esperanças: o cativo está para durar. Aliás, o que vai acontecer é precisamente o contrário: Jerusalém vai ser novamente tomada pelos babilônios e muitos dos que escaparam da primeira deportação serão levados para a Babilônia e irão fazer companhia aos que já lá estão. De facto, assim aconteceu.

A segunda fase do ministério de Ezequiel desenrola-se a partir de 586 a.C., até cerca de 570 a.C. Instalados numa terra estrangeira, sem Templo, sem sacerdócio, sem culto, os exilados estão desesperados. Duvidam da fidelidade de Deus, da Sua bondade e do Seu amor. Nessa fase, Ezequiel assume um discurso diferente. Com a sua palavra e os seus gestos proféticos procura alimentar a esperança dos exilados e transmitir-lhes a certeza de que Deus não os abandonou. O texto que hoje nos é proposto pertence a esta segunda fase.

Para dar corpo à esperança, Ezequiel anuncia aos exilados a chegada de uma nova era, de felicidade e de paz sem fim... Será o tempo em que Deus irá, Ele próprio, assumir a condução do seu Povo, como um “Bom Pastor” que cuida das suas ovelhas (cf. Ez 34,11-16); será o tempo em que Deus vai tornar de novo fecundos os campos sobre os quais se abateu a guerra e a desolação e reconstruir e repovoar as cidades abandonadas e calcinadas (cf. Ez 36,8-11); será o tempo em que Deus vai operar uma mudança no interior dos homens, substituindo os “corações de pedra”, duros e insensíveis, por “corações de carne”, capazes de acolher os preceitos da Aliança e de viver no amor a Deus e aos irmãos (cf. Ez 36,25-28); será o tempo em que o Templo de Jerusalém será reconstruído e Deus irá voltar a residir no meio do seu Povo (cf. Ez 40,1-47,12).

Com a promessa de que Deus vai voltar a residir no meio do seu Povo, chegamos ao ponto culminante dessa “teologia da esperança” que Ezequiel, por indicação de Deus, propõe aos seus concidadãos. Mais do que o próprio Exílio numa terra estrangeira, Israel lamentava o desaparecimento do Templo (a “residência de Deus”) e da “Glória de Javé” (a “Glória” equivalia à presença gloriosa de Deus no meio do seu Povo, oferecendo a Judá a salvação e a vida). Mas Ezequiel garante aos exilados que Deus vai construir um Novo Templo (cf. Ez 40-42), do qual sairá vida em abundância (“água”: Ez 47,1-12) e no qual a “Glória de Javé” voltará a habitar (cf. Ez 43,1-5). *in Dehonianos*

## INTERPELAÇÕES

- A amarga experiência do cativo na Babilônia foi, para as gentes de Judá, um terrível tempo de prova. Longe da sua terra, humilhados pelos vencedores, sentindo que todas as suas certezas tinham caído por terra, viviam desanimados e sem esperança; mas, mais do que tudo, doía-lhes sentirem-se traídos e abandonados por Deus. Onde estava Deus? Tinha-se ausentado para parte incerta? Tinha desistido do seu povo? O profeta Ezequiel recebeu a missão de dizer a esse povo sofrido: “Não, Deus não vos abandonou. Ele vai voltar a residir no meio do Seu povo. Da Sua morada sairá um rio de vida que inundará toda a terra e vos trará bênçãos infinitas”. Talvez nós, homens e mulheres do séc. XXI, nos sintamos numa situação semelhante à dos exilados judeus na Babilônia. As guerras, as injustiças, as convulsões sociais, os escândalos que abalam a sociedade e que nos fazem desconfiar das instituições, a falência dos líderes em quem colocamos a nossa confiança, a crise de valores, a falta de respeito pela vida humana, abalam o nosso mundo e mergulham-nos na angústia, na frustração, na insegurança, no medo. Onde está Deus? Podemos contar com Ele? Outra vez ecoa no mundo a Boa notícia trazida por Ezequiel: “não, o mundo não caminha para um beco sem saída; Deus não virou as costas aos seus queridos filhos; Ele faz questão de residir no meio de vós. D’Ele brota continuamente um rio de água refrescante que rega a vossa terra e que sacia a vossa sede de vida”. Somos capazes de reconhecer a vida que Deus a cada instante derrama sobre o mundo e sobre os homens? Isso é para nós fonte de serenidade, de confiança e de esperança?
- Se Deus reside no meio dos homens e derrama sobre eles vida em abundância, porque é que existem na história do nosso tempo tantos pontos negros de miséria, de injustiça, de exploração, de sofrimento? Dificilmente conseguiremos, alguma vez, encontrar uma resposta totalmente satisfatória para esta questão... Convém, no entanto, ter presente que uma parte significativa dos males da humanidade resulta do facto de os homens serem indiferentes às propostas de vida que Deus continuamente lhes faz... Não é Deus que falha; são os homens que, utilizando a sua liberdade, recusam a vida que Deus lhes oferece e preferem construir a história humana de acordo com esquemas de egoísmo e de pecado. Para que a presença de Deus na nossa história tenha um impacto real na forma como, dia a dia, se constrói o nosso mundo, é necessário que a humanidade abandone os caminhos do orgulho e da autossuficiência e aprenda a escutar, com humildade e simplicidade, as propostas e os desafios de Deus. No que nos diz respeito, estamos dispostos a isso? *in Dehonianos*.

## SALMO RESPONSORIAL – Salmo 45 (46)

Refrão:

**Os braços dum rio alegram a cidade de Deus,  
a morada santa do Altíssimo.**

**Deus é o nosso refúgio e a nossa força,  
auxílio sempre pronto na adversidade.  
Por isso nada receamos ainda que a terra vacile  
e os montes se precipitem no fundo do mar.  
Os braços dum rio alegram a cidade de Deus,  
a mais santa das moradas do Altíssimo.  
Deus está no meio dela e a torna inabalável,  
Deus a protege desde o romper da aurora.  
O Senhor dos Exércitos está connosco,  
o Deus de Jacob é a nossa fortaleza.  
Vinde e contemplai as obras do Senhor,  
as maravilhas que realizou na terra.**

## **LEITURA II – 1 Coríntios 3,9c-11.16-17**

**Irmãos:**

**Vós sois edifício de Deus.**

**Segundo a graça de Deus que me foi dada,  
eu, como sábio arquiteto, coloquei o alicerce  
e outro levanta o edifício.**

**Veja cada um como constrói:**

**ninguém pode colocar outro alicerce  
além do que está posto, que é Jesus Cristo.**

**Não sabeis que sois templo de Deus  
e que o Espírito de Deus habita em vós?**

**Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá.**

**Porque o templo de Deus é santo  
e vós sois esse templo.**

## **CONTEXTO**

No séc. I Corinto era uma cidade próspera e um centro cultural importante. Servida por dois portos de mar, nela se cruzavam diariamente pessoas de todas as raças e de todas as religiões. Era a cidade do desregramento para todos os marinheiros que cruzavam o Mediterrâneo, ávidos de prazer, após meses de navegação. Na cidade pontificava a deusa Afrodite, em cujo templo se praticava a prostituição sagrada. Na época de Paulo, Corinto comportava cerca de 500.000 pessoas, das quais dois terços eram escravos. A riqueza escandalosa de alguns contrastava com a miséria da maioria.

No decurso da sua segunda viagem missionária, Paulo chegou a Corinto, depois de atravessar boa parte da Grécia, e ficou por lá cerca 18 meses (anos 50-52). De acordo com At 18,2-4, Paulo começou a trabalhar em casa de Priscila e Áquila, um casal de judeo-cristãos recentemente chegados de Itália. No sábado, usava da palavra na sinagoga. Com a chegada a Corinto de Silvano e Timóteo (2 Cor 1,19; At 18,5), Paulo consagrou-se inteiramente ao anúncio do Evangelho. No entanto, não tardou a entrar em conflito com os judeus e foi expulso da sinagoga.

Como resultado da pregação de Paulo, nasceu a comunidade cristã de Corinto. A maior parte dos membros da comunidade eram de origem grega, embora, em geral, de condição humilde (cf. 1 Cor 11,26-29; 8,7; 10,14.20; 12,2); mas havia também elementos de origem hebraica (cf. At 18,8; 1 Cor 1,22-24; 10,32; 12,13).

De uma forma geral, a comunidade era viva e fervorosa; no entanto, estava exposta aos perigos de um ambiente corrupto: moral dissoluta (cf. 1 Cor 6,12-20; 5,1-2), querelas, disputas, lutas (cf. 1 Cor 1,11-12), sedução da sabedoria filosófica de origem pagã que se introduzia na Igreja revestida de um superficial verniz cristão (cf. 1 Cor 1,19-2,10). Tratava-se de uma comunidade forte e vigorosa, mas que mergulhava as suas raízes em terreno adverso. Em Corinto estão bem representadas as dificuldades da fé cristã em inserir-se num ambiente hostil, marcado por uma cultura pagã e por um conjunto de valores em profunda contradição com a pureza da mensagem evangélica.

O texto que hoje nos é proposto como segunda leitura está inserido num contexto de polémica. Depois de Paulo ter deixado a cidade, apareceu por lá um cristão de origem judaica com o nome de Apolo. Era um brilhante pregador e foi de grande utilidade para a comunidade nas polémicas doutrinárias com os judeus de Corinto. Formaram-se partidos (embora Apolo não favorecesse essa divisão, segundo parece): uns admiravam Paulo, outros Pedro, outros Apolo (cf. 1 Cor 1,12). É de crer que os vários partidos manifestassem uma certa

rivalidade, à imagem das escolas filosóficas gregas que estavam espalhadas por toda a cidade de Corinto. De qualquer forma, a comunidade estava dividida e, dia a dia, acentuavam-se os conflitos, os ciúmes, as lutas, as rivalidades.

Este estado alarmante da comunidade chegou ao conhecimento de Paulo quando o apóstolo se encontrava em Éfeso, no decurso da sua terceira viagem apostólica. Imediatamente, Paulo escreveu aos Coríntios questionando a opção dos membros da comunidade pela *sabedoria do mundo*, em detrimento da *sabedoria de Deus*. Depois de apresentar a “sabedoria de Deus”, revelada em Jesus Cristo (sobretudo através da “loucura da cruz”) e oferecida aos homens (cf. 1 Cor 1,18-2,16), Paulo constata que os coríntios ainda não acolheram essa sabedoria: mantêm-se na dimensão do homem carnal (isto é, do homem fraco, pecador, escravo das suas paixões e apetites), imaturos na fé; cultivam as divisões e os conflitos; correm atrás de mestres humanos como se eles tivessem a chave da felicidade e da realização plena, esquecendo que, por detrás de Paulo ou de Apolo, está Deus.

As fraturas comunitárias serão o testemunho que Deus espera dos cristãos de Corinto? *in Dehonianos*.

## INTERPELAÇÕES

- A Igreja é obra de Deus. Deus, no momento histórico que entendeu adequado, enviou ao mundo o Seu Filho Jesus para propor aos homens a salvação; e, do anúncio de Jesus, surgiu uma comunidade de homens e mulheres empenhados em acolher a salvação oferecida por Deus. Essa comunidade é a Igreja, a comunidade da salvação. Depois de ter concluída a sua missão na terra dos homens, Jesus voltou para o Pai. No entanto, deixou os seus discípulos no mundo e enviou-os a propor a salvação a todos os povos e nações. Hoje são os membros dessa comunidade que dão testemunho da salvação de Deus no mundo (como o fizeram, há dois mil anos, Paulo, Pedro, Apolo e tantos outros membros da comunidade da salvação). É através deles que a Igreja de Deus continua a edificar-se e a ser presença no mundo da salvação de Deus. Temos consciência disto? Sentimo-nos – como São Paulo – cooperadores de Deus na obra da salvação? Fazemos tudo aquilo que está ao nosso alcance – de acordo com a nossa vocação e missão específica – para que a Igreja possa continuar a cumprir o seu papel enquanto testemunha da salvação que Deus oferece a todos os homens?
- Segundo a bela expressão de Paulo, a Igreja é agora no mundo o *Templo de Deus, onde reside o Espírito*. É na comunidade cristã que Deus reside no mundo; é através da comunidade cristã que Deus se encontra com o mundo e oferece ao mundo a salvação. Ora, isto configura uma enorme responsabilidade para a comunidade cristã e para cada um dos crentes em particular. Temos consciência dessa responsabilidade? Sentimo-nos dignos dela? Levamo-la a sério? Que rosto de Deus testemunhamos junto dos nossos contemporâneos? A Igreja, *Templo de Deus onde reside o Espírito*, é verdadeiro sacramento e sinal da salvação de Deus? Quem, do lado de fora, olha para a Igreja, descobre no rosto e nos gestos dos cristãos a misericórdia e a ternura de Deus? Os pobres, os marginalizados, os que o mundo considera “fracassados”, os que a máquina trituradora da injustiça deixa caídos nas bermas do caminho que a humanidade vai fazendo, encontram nos crentes a bondade e o amor de Deus?
- O apóstolo Paulo vê nos conflitos, divisões, ciúmes, contradições, vaidades, dos membros da comunidade cristã de Corinto sinais evidentes da preponderância daquilo a que ele chama “a sabedoria do mundo”. Essa “sabedoria do mundo” opõe-se à “loucura da cruz”. A “sabedoria do mundo” é a lógica de quem ainda vive de forma egoísta, entrincheirado atrás do seu orgulho e da sua autossuficiência e ainda não se revestiu de Cristo. A nossa comunidade paroquial ou religiosa é uma comunidade fraterna, solidária, e que dá testemunho da “loucura da cruz” com gestos concretos de amor, de partilha, de doação, de serviço, ou é uma comunidade fragmentada, dividida, cheia de contradições, onde cada membro puxa para o seu lado, ao sabor dos interesses pessoais?  
*in Dehonianos*

## EVANGELHO – João 2,13-22

**Estava próxima a Páscoa dos judeus  
e Jesus subiu a Jerusalém.**

**Encontrou no templo**

**os vendedores de bois, de ovelhas e de pombas  
e os cambistas sentados às bancas.**

**Fez então um chicote de cordas**

**e expulsou-os a todos do templo, com as ovelhas e os bois;**

**deitou por terra o dinheiro dos cambistas**

**e derrubou-lhes as mesas;**

**e disse aos que vendiam pombas:**

«Tirai tudo isto daqui;  
não façais da casa de meu Pai casa de comércio».  
Os discípulos recordaram-se do que estava escrito:  
«Devora-me o zelo pela tua casa».  
Então os judeus tomaram a palavra e perguntaram-Lhe:  
«Que sinal nos dás de que podes proceder deste modo?».  
Jesus respondeu-lhes:  
«Destruí este templo e em três dias o levantarei».  
Disseram os judeus:  
«Foram precisos quarenta e seis anos para construir este templo  
e Tu vais levantá-lo em três dias?».  
Jesus, porém, falava do templo do seu Corpo  
Por isso, quando Ele ressuscitou dos mortos,  
os discípulos lembraram-se do que tinha dito  
e acreditaram na Escritura e na palavra de Jesus.

## CONTEXTO

O autor do Quarto Evangelho apresenta, na secção introdutória do seu livro, um gesto profético de Jesus, realizado logo no início do Seu ministério: a expulsão dos vendilhões do templo de Jerusalém. Ao situar o episódio nesse enquadramento, o evangelista João está provavelmente a sugerir que o gesto de Jesus é um anúncio programático do ministério que, a partir dali, Ele vai desenvolver, por mandato de Deus: apresentar-se Ele próprio como o Novo templo, o “lugar” onde os homens podem encontrar-se com Deus e ter acesso a Deus. Mateus, Marcos e Lucas, por seu turno, têm outro entendimento e situam o mesmo episódio nos últimos dias do ministério de Jesus, poucos dias antes da sua morte (cf. Mt 21,12-17; Mc 11,15-19; Lc 19,45-48).

A cena descrita no Evangelho deste dia situa-nos, portanto, no átrio externo do templo de Jerusalém, nos dias que antecedem a celebração da Páscoa. Era a época em que as grandes multidões se concentravam em Jerusalém para celebrar a festa principal do calendário religioso judaico. Jerusalém, que normalmente teria à volta de 55.000 habitantes, chegava a albergar, por essa altura, cerca de 125.000 peregrinos. No templo sacrificavam-se cerca de 18.000 cordeiros, destinados à celebração pascal. Neste ambiente, o comércio relacionado com o Templo sofria um espantoso incremento. Três semanas antes da Páscoa, começava a emissão de licenças para a instalação dos postos comerciais à volta do Templo. O dinheiro arrecadado com a emissão dessas licenças revertia para o sumo sacerdote. Havia tendas de venda que pertenciam, directamente, à família do sumo sacerdote. Vendiam-se os animais para os sacrifícios e vários outros produtos destinados à liturgia do Templo. Havia, também, as tendas dos cambistas que trocavam as moedas romanas correntes por moedas judaicas (os tributos dos fiéis para o Templo eram pagos em moeda judaica, pois não era permitido que moedas com a efígie de imperadores pagãos conspurcassem o tesouro do Templo). Este comércio constituía uma mais-valia para a cidade e sustentava a nobreza sacerdotal, o clero e os empregados do templo.

O templo, cenário deste episódio, era, na verdade, uma construção magnífica. Herodes, o Grande, para demonstrar as suas boas disposições para com o culto a Javé e para conseguir a benevolência dos judeus, tinha começado as obras de ampliação e de restauração do templo no ano 19 a.C.; mas, na época em que Jesus andava por Jerusalém, os trabalhos continuavam (só foram concluídos por volta do ano 63 d.C.). A área do templo ocupava uma superfície de mil e quinhentos metros quadrados e as pedras utilizadas na construção chegavam a ter vinte metros de comprimento. Coberto de mármore branco, o templo refletia os raios do sol e brilhava como uma joia preciosa. As portas tinham incrustações de ouro e no interior havia tapeçarias de linho finíssimo de cor azul, escarlate e púrpura. O templo, “casa de Deus”, lugar sagrado por excelência, era o orgulho de Israel. *in Dehonianos.*

## INTERPELAÇÕES

- Como é que podemos encontrar Deus e chegar até Ele? Como podemos perceber as propostas de Deus e descobrir os seus caminhos? O Evangelho que nos é proposto na Festa da Dedicção da Basílica de Latrão responde: é olhando para Jesus. Nas palavras e nos gestos de Jesus, Deus revela-Se aos homens e manifesta-lhes o seu amor, oferece aos homens a vida plena, faz-Se companheiro de caminhada dos homens e aponta-lhes caminhos de salvação. “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9) – disse um dia Jesus a Filipe, quando este Lhe pediu que “mostrasse o Pai” aos Seus discípulos. Somos, assim, convidados a olhar para Jesus e a descobrir nas suas indicações, no seu anúncio, no seu “Evangelho”, aquela proposta de vida e de salvação que Deus nunca desistiu de nos apresentar; somos convidados a tornarmo-nos discípulos, a seguir Jesus a par e passo. Jesus é o Caminho que nos leva até Deus (“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém pode ir até ao Pai senão por Mim” – Jo 14,6). Estamos dispostos a deixarmo-nos conduzir por Jesus?

- Os cristãos são aqueles que aderiram a Cristo, que aceitaram integrar a sua comunidade, que comem a sua carne e bebem o seu sangue, que se identificam com Ele. Fazem parte de um Corpo do qual Cristo é a cabeça (cf. Rm 12,5; 1 Cor 12,27; Ef 1,22-23). São pedras vivas do novo Templo onde Deus Se manifesta ao mundo e vem ao encontro dos homens para lhes oferecer a vida e a salvação. Os homens do nosso tempo devem poder ver no rosto dos cristãos o rosto bondoso e terno de Deus; devem poder experimentar, nos gestos de partilha, de solidariedade, de serviço, de perdão dos cristãos, a vida nova de Deus; devem poder encontrar, na preocupação dos cristãos com a justiça e com a paz o anúncio desse mundo novo que Deus quer oferecer a todos os homens. Talvez o facto de Deus parecer tão ausente da vida, das preocupações e dos valores dos homens do nosso tempo tenha a ver com o facto de os discípulos de Jesus se demitirem da sua missão e da sua responsabilidade... O nosso testemunho pessoal é um sinal de Deus para os irmãos que caminham ao nosso lado? A vida das nossas comunidades dá testemunho da vida de Deus? A Igreja é essa “casa de Deus” onde qualquer homem ou qualquer mulher pode encontrar essa proposta de libertação e de salvação que Deus oferece a todos? Somos no mundo “a casa” onde Deus reside e onde Ele se encontra com os homens?
- Jesus denunciou, nos átrios externos do templo de Jerusalém, uma religião estéril e mentirosa, construída à volta de um folclore de gestos que Deus não apreciava e que, afinal, não mudavam o coração dos crentes. Qual é o verdadeiro culto que Deus espera de nós? Ao contrário do que possamos pensar, Deus não aprecia os nossos rituais litúrgicos cheios de pompa e circunstância que, no entanto, acabam por ser “uma mão cheia de nada e outra de coisa nenhuma”, pois não têm implicações na nossa vida nem alteram a nossa forma de estar no mundo. O culto que Deus aprecia é uma vida vivida na escuta das suas propostas e traduzida em gestos concretos de doação, de entrega, de serviço simples e humilde aos irmãos. Quando somos capazes de sair do nosso comodismo e da nossa autossuficiência para ir ao encontro do pobre, do marginalizado, do estrangeiro, do doente, estamos a dar a resposta “litúrgica” adequada ao amor e à generosidade de Deus para connosco. Que culto prestamos a Deus?
- Ao gesto profético de Jesus, os líderes judaicos respondem com incompreensão e arrogância. Consideram-se os donos da verdade e os únicos intérpretes autênticos da vontade divina. Instalados nas suas certezas e preconceitos, nem sequer admitem que a denúncia que Jesus faz esteja correta. A sua autossuficiência impede-os de ver para além dos seus projetos pessoais e de descobrir os projetos de Deus. Trata-se de uma atitude que, mais uma vez, nos questiona... Estamos conscientes de que, quando nos barricamos atrás de certezas e de atitudes intransigentes, podemos estar a fechar o nosso coração aos desafios e à novidade de Deus?
- Como aqueles vendedores e cambistas que transformaram o Templo de Deus numa casa de comércio, também nós podemos, quase sem nos darmos conta, estar a converter toda a nossa vida num negócio, onde tudo é pesado em favor do nosso interesse e do nosso ganho. Até a nossa relação com Deus pode tornar-se uma troca comercial, em que cumprimos os ritos para termos Deus a nosso favor, “pagamos missas” ou “promessas” para obter algum benefício, evitamos o pecado para que Deus não tenha razões para nos condenar... O gesto profético de Jesus no Templo de Jerusalém denuncia o sem sentido de uma vida vivida em registo de ganância e de lucro egoísta; lembra-nos que Deus é amor, amor que não se compra nem vende e que é puro dom; lembra-nos a importância dos gestos gratuitos de amor, da partilha solidária, da fraternidade desinteressada, do dom sem recompensa; lembra-nos que devemos dar testemunho, com a nossa vida, de um Deus que ama os seus filhos – todos – com um amor sem limites e “a fundo perdido”. Estamos conscientes de tudo isto? *in Dehonianos*.

## Para os leitores

Na **primeira leitura**, além das palavras de mais difícil pronúncia – «setentrional»; «Arabá» – o leitor deve ter consciência que está a narrar uma visão ao povo e que a proclamação deve ter um tom contemplativo e progressivo. À medida que o texto fala da água que se espalha e dá vida, o leitor pode elevar ligeiramente o tom, transmitindo esperança e vitalidade.

A **segunda leitura** tem um tom exortativo que deve estar presente na proclamação do texto, servindo-se da força das formas verbais no imperativo.





## ORAÇÃO

Senhor Jesus, precisamos de Ti.  
Como Tu precisas de nós,  
também nós precisamos de Ti.  
Precisamos do teu amor.  
Precisamos da tua coragem.  
Precisamos do teu perdão.  
Precisamos da tua entrega.  
Precisamos da tua presença.  
Precisamos do teu Espírito.

Senhor Jesus, precisamos de Ti,  
para termos sacerdotes.  
Senhor, não nos abandones.  
Precisamos de Ti,  
como Tu precisas de nós.  
Senhor Jesus,  
que Tu e nós sejamos um só.

Que a Igreja seja conduzida por Ti,  
o Bom Pastor, e que  
das ovelhas do teu rebanho,  
saíam pastores-sacerdotes  
que sempre precisam de Ti.  
Senhor Jesus  
contamos Contigo  
e com o conforto de tua Mãe,  
Maria, que é nossa Mãe. Ámen.